

# LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA: ALGUMAS PROVOCAÇÕES CRÍTICAS

Thiago A. Valente (UENP/CRELIT – Fundação Araucária)

## Introdução

Inicialmente, agradeço a Comissão Organizadora, na pessoa da professora Vera Teixeira de Aguiar, pelo convite. Na mesa desta noite, composta por escritores, minha fala parte de outro ponto de vista: o lugar da crítica acadêmica voltada para um gênero bem delimitado no sistema literário brasileiro, aquele que temos chamado de “juvenil”.

Com o intuito de abordar brevemente a produção juvenil contemporânea, no Brasil, minha exposição se divide em duas partes: na primeira, retomo alguns dados apontados em dois textos críticos, um do professor Dr. João Luís Ceccantini, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCL-Assis); e outro da professora Dra. Alice Áurea Penteadó Martha, da Universidade Estadual de Maringá (UEM); na segunda parte, apresento uma problematização, também breve, de características dessa produção contemporânea no contexto da crítica literária recentemente marcada pelas reflexões sobre a pós-modernidade, tema para o qual vou me restringir às discussões e reflexões levantadas por um texto bem conhecido nos cursos de Letras, principalmente entre pós-graduandos, que é o *Depois da teoria* (2010), de Terry Eagleton.

## Em busca de parâmetros

A análise de Martha, publicada na revista *Letras de Hoje*, no primeiro semestre de 2008, baseia-se em uma lista de obras que, de alguma forma, foram premiadas ou recomendadas por instituições, entre os anos de 2006 e 2008, “como a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), com o prêmio Orígenes Lessa, e a Câmara Brasileira do Livro (CBL), que outorga o Prêmio Jabuti a diversas categorias da produção literária nacional.” (2008, p.09).

A autora destaca, então (MARTHA, 2008, p.09-10):

*O olho de vidro de meu avô* (Moderna, 2004), de Bartolomeu Campos Queirós; *Eles não são anjos como eu* (Moderna, 2004), de Márcia Kupstas; *No longe dos gerais* (Cosacnaify, 2004), de Néelson Cruz; *Lis no peito: um livro que pede perdão* (Biruta, 2005), de Jorge Miguel Marinho; *Pena de ganso* (DCL, 2005), de Nilma Lacerda; *Heroísmo de Quixote* (Rocco, 2005), de Paula Mastroberti; *O dia em que Felipe sumiu* (Cosacnaify, 2005), de Milu Leite; *Alice no espelho* (SM, 2005), de Laura Bergallo; *Bicho solto* (Objetiva, 2005), de Ivan Sant'Anna; *O rapaz que não era de Liverpool* (Edições SM, 2006), de Caio Riter; *Hermes, o motoboy* (Cia. das Letras, 2006), de Ilan Brenman e Fernando Vilela; *Aula de inglês e Sapato de salto*, ambos de Lygia Bojunga (Casa Lygia Bojunga, 2006); *O melhor time do mundo* (Cosacnaify, 2006), de Jorge Viveiros de Castro; *Ciumento de carteirinha* (Ática, 2006), de Moacyr Scliar; *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta* (Moderna, 2007), de Joel Rufino dos Santos; e *Adeus contos de fadas* (7 Letras, 2006), de Leonardo Brasiliense.

Para análise mais detida sobre esse corpus, Martha seleciona (título, autor e tema) *Lis no peito, um livro que pede perdão*, de Jorge Miguel Marinho – as angústias sobre a descoberta do amor; *O rapaz que não era de Liverpool*, de Caio Riter – a descoberta de ter sido adotado; *Alice no espelho*, de Laura Bergallo – bulimia e o contexto de mercado e de seus modelos de beleza; *Pena de ganso*, de Nilma Lacerda – a escrita e a identidade feminina; *Adeus contos de fadas*, de Leonardo Brasiliense – minicontos sobre questões familiares, sociais e afetivas.

Todos os títulos têm em comum a presença da leitura de textos literários por parte das personagens.

As obras apontadas pelo professor Ceccantini, por sua vez, aparecem em uma das edições do informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em setembro de 2010. Nesse artigo, após destacar que a produção de 2008, especificamente, foi marcada por três efemérides: o centenário da morte de Machado de Assis, os duzentos anos da chegada da Corte portuguesa e os cem anos da imigração japonesa, passa a apontar algumas linhas de força dessa produção (CECCANTINI, 2010, p.09):

O segmento referente à **literatura juvenil** é, em termos quantitativos, o segundo maior do conjunto da produção nacional para crianças e jovens em 2008 – por volta de 19% de todos os títulos publicados no setor. De um ponto de vista qualitativo, entretanto, talvez seja aquele que demonstrou maior vitalidade no período, revelando um empenho em explorar temas em sintonia com questões candentes da sociedade contemporânea – particularmente as mais diretamente ligadas ao universo juvenil – e, ao mesmo tempo, buscar a contrapartida formal para expressá-las. Verifica-se, em diversos títulos, um esforço de pesquisa e experimentação no nível da linguagem e dos elementos estruturais das narrativas e até mesmo no nível da materialidade do livro.

Sua seleção traz, entre outras obras, os seguintes títulos (título, autor e tema): *Mensagem para você*, de Ana Maria Machado – leitura, escrita e novos recursos tecnológicos; *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda – trajetória de formação a partir de leituras e experiências com um velho professor de História; *Todos contra Dante e Clique para zoar*, de Luís Dill e Isabel Vieira, respectivamente – bullying, violência; *O Golem do Bom Retiro*, de Mario Teixeira – preconceito e violência; *Turbilhão em Macapá*, de Ivan Jaf – consumismo; *No beleléu*, de Antonio Barreto – literatura regionalista sobre a paixão pela escrita; *Meu pai não mora mais aqui* e *Baratinada*, de Caio Riter e Marília Pirillo, respectivamente – tensões geracionais; *O colapso dos bibelôs*, de Índigo – distopia de um mundo sem mídias para comunicação; *Micos de Micaela*, de Angélica Lopes – o desajuste adolescente diante do mundo adulto; *A maldição do olhar*, de Jorge Miguel Marinho – vampirismo, intertexto com *Alice através do espelho*, de Carroll; *Lenora*, de Heloísa Prieto – romance pop de matizes góticos; *A última guerra*, de Luiz Bras e Teresa Yamashita – narrativa distópica.

É importante notar que os dois textos destacam a qualidade da produção voltada para o jovem leitor no Brasil, bem como para temas que tendem a aglutinar a produção voltada a esse público. Assim, Martha identifica: (2008, p. 10):

As narrativas *selecionadas* relatam o desabrochar sentimental, a aprendizagem humana dos protagonistas, jovens que buscam o conhecimento de si mesmos e dos outros e participam gradativamente na aventura da existência. Por essa razão, entendemos que mesmo os minicontos de Brasiliense podem ser considerados *narrativas de formação*, subgênero muito próximo do *Bildungsroman* (*romance de formação*).

Ao final do artigo, sintetiza sua análise que, conforme explicação inicial, partira das personagens como elemento central (MARTHA, 2008, p.16):

Nessas narrativas, o que desperta a atenção dos leitores, na ênfase no processo de construção das personagens, é o fato de que a infância e a adolescência não são vistas como preparação para a maturidade, mas enfocadas como etapas decisivas no processo de vida, plenas de significado e valor, portanto. Em outras palavras, as personagens não são construídas como ainda-não-adultos ou já-não-mais-crianças, são portadoras de uma identidade própria e completa. É verdade também que se envolvem em situações que as obrigam a refletir e reformular conceitos que possuem a respeito de si mesmas e do mundo.

Também buscando as linhas de força dessa produção contemporânea, Ceccantini comenta a questão da qualidade do texto literário direcionado ao leitor juvenil (2010, p.02):

[...] Cada vez mais, são quebradas as fronteiras rígidas entre a boa literatura para crianças e jovens e a literatura para adultos, como nos demonstram os especialistas ao analisar a produção nacional, ao conceder prêmios específicos do gênero (ou não) ou ao selecionar obras para compras governamentais. Têm sabido, de forma astuta, conciliar a percepção da especificidade própria do infantil ou do juvenil com a visada mais larga que pode alcançar certa produção de excelência, capaz de transitar livremente entre faixas etárias, níveis de escolaridade e grupos sociais.

### **A pós-modernidade e a literatura infantil e juvenil**

Iniciando o segundo momento de minha fala, minha problematização parte de uma constatação temática: em meio à diversidade de temas e formas que o texto assume para o jovem, há um traço de busca pela constituição da subjetividade, de ênfase no crescimento e nas primeiras experiências, que assumem, via de regra, o centro da narrativa. E isso é um traço que nem sempre vem ao encontro da ideia de pós-modernidade que permeia muitas dessas discussões.

Segundo Eagleton, o ideário pós-modernista pode ser identificado por alguns traços de conteúdo que, conseqüentemente, atingem as formas de expressão do texto literário (2010, p.243-44):

Os pós-modernistas rejeitam a ideia de progresso porque estão distraídos pelas “grandes narrativas”. Supõem que uma crença no progresso tem necessariamente que implicar que a História como um todo foi a constante evolução desde o começo, visão que, naturalmente, descartam como um equívoco. Se fossem menos apegados a grandes narrativas, poderiam seguir as próprias luzes, assumir uma atitude mais pragmática em relação ao progresso e chegar à correta, porém tediosa, conclusão de que a história humana tem melhorado em alguns aspectos, enquanto deteriora em outros. O marxismo tenta fazer soar menos banal esse clichê esfarrapado, observando, com mais imaginação, que o progresso e a deterioração são aspectos estreitamente ligados de uma mesma narrativa. As condições que favorecem a emancipação também favorecem a dominação. Isso é conhecido como pensamento dialético. A história moderna tem sido uma narrativa criteriosa sobre bem-estar material, valores liberais, direitos civis, política democrática e justiça social, e um pesadelo brutal. A condição dos pobres é intolerável, em parte, porque os recursos para aliviá-la existem em abundância. A fome é chocante, em parte, por ser desnecessária. A mudança social é necessária por causa do lamentável estado do planeta, mas também possível devido aos avanços materiais. Os pós-modernistas,

entretanto, que se orgulham de seu pluralismo, preferem considerar a questão do progresso mais unilateralmente.

Eis, portanto, a primeira provocação para a reflexão no âmbito da literatura juvenil e a pós-modernidade: se as obras pós-modernas marcam-se por uma tentativa de reler o passado e desconstruir seus valores, então não haveria espaço para um tipo de texto que procura “investir” em jovens leitores, em perspectivas e sonhos; afinal, a própria ideia de progresso, de superação, de dias melhores, estaria fadada à desilusão.

A literatura, para o crítico, teria justamente uma função oposta ao ideário pós-moderno (EAGLETON, 2010, p.249):

Se nossa simpatia pelos outros não fosse tão sensorialmente esvaziada, seríamos levados por suas privações a compartilhar com eles justamente os bens que nos impedem sentir sua miséria. Então poderia o problema tornar-se a solução. A renovação do corpo e uma radical redistribuição da riqueza estão estreitamente ligadas. Para perceber com precisão, temos que sentir; e, para sentir, precisamos libertar o corpo da anestesia que o excesso de posses lhe impõe.

A segunda provocação: a literatura, e as artes de modo geral, não teria a função de dar sentido à vida? Se ela tem essa visada que justifica sua própria existência, o apego àquilo que chamamos de pós-modernidade é militância ou ausência de uma proposta estética?

Continuando, na esteira das ideias de Eagleton (2010, p.256-57):

[...] Os pós-modernistas opõem-se à universalidade, e bem podem fazê-lo: nada mais provinciano que o tipo de ser humano que admiram. É como se agora devêssemos sacrificar nossa identidade à nossa liberdade, o que deixa em aberto a questão de quem fica para exercer essa liberdade. Acabamos como um grande executivo tão atordoado e nocauteado pelas viagens incessantes que não consegue mais lembrar o próprio nome. O sujeito humano finalmente se liberta da restrição que é ele próprio. Se tudo que é sólido tem que se desmanchar no ar, não se pode abrir exceções aos seres humanos.

A literatura juvenil parece, pois, andar na contramão da pós-modernidade, considerando-se que um dos aspectos centrais dessa produção é a busca por identidade, ainda que em contraposição à própria liberdade, como é facilmente perceptível nos títulos apontados anteriormente como referências da produção juvenil contemporânea nos artigos de Martha (2008) e Ceccantini (2010). A pós-modernidade, assim, no que diz respeito à literatura, faz-se com o texto fragmentado, sem norte e sem prumo – um

texto em que os valores vistos como tradicionais são questionados e, sobretudo, seus próprios supostos valores como texto literário são postos em xeque ou negados.

Na literatura “juvenil”, entretanto, lançamos, aqui, uma hipótese a ser pesquisada: sendo subestimada pelo adjetivo que a qualifica, acaba ficando à margem dessa suposta onda, desse suposto movimento de literatura pós-moderna. Em outros termos, nada se cobra e nada se espera de uma literatura considerada menor e, é neste ponto, que ela demonstra o vigor apontado por Ceccantini: por ser considerada menor, à margem, um tipo de produção sem pretensões a ser grande literatura, é que pode realizar experiências estéticas sem maiores comprometimentos. Ainda, a contradição da situação de ser “juvenil” na “pós-modernidade”, que renega os rótulos e relativiza os valores, permite à narrativa juvenil ser mais que o retrato ou espelho de um tempo sem ideologias. Permite-lhe, pois, ancorar-se em sua peculiaridade, em sua busca de ser “juvenil” e ofertar ao leitor uma narrativa que não abre mão de dialogar com a tradição literária, como podemos observar em obras tão diversas como *Eu e o silêncio de meu pai*, de Caio Riter e *Whatever*, de Leonardo Brasiliense, por exemplo.

A literatura, especificamente a juvenil, ratificando o posicionamento de Eagleton, não seria, então, o antídoto aos fundamentalismos de nosso tempo? Ao consumismo desenfreado ou à violência teocrática que nos ameaça diante de um vazio que toma conta da existência? Do vazio que toma conta de uma existência em que as ideologias e as grandes entidades são negadas? Não seria, enfim, a suposta fragilidade desse gênero uma válvula de escape para uma criatividade que não perde de vista o aspecto formador (não pedagógico, mas *formador*) da Literatura, como bem conhecemos das considerações de Antonio Candido em *A literatura e a formação do homem*?

### **Fim de conversa**

A literatura para jovens, em meio às diversas agências constituintes do sistema literário de modo geral, requer a consciência de uma “estética da formação”, conforme Ceccantini (2000). Para o autor, essa expressão desdobra-se em três acepções: 1) o tema – “[...] uma primeira significação, a mais imediata, remete para a temática de que se ocupa a maior parte das obras, no caso, a busca da identidade e o processo de amadurecimento do jovem, do ponto de vista físico, intelectual, emocional, ético, entre outros aspectos” (2000, p. 435-436); 2) o ser em formação – “[...] num segundo sentido,

*formação* seria levada em conta considerando-se a instância da *recepção* das obras, isto é, como aspecto diretamente ligado à predeterminação do público leitor” (2000, p.436); 3) a formação literária em contraste com a pedagógica – “[...] a terceira acepção, talvez a de visada mais ampla, tenta associar a noção de *formação* à literatura juvenil, em substituição à pecha de literatura *pedagógica*, com que durante longo tempo arcou” (2000, p.437).

No sentido *formador*, podemos, enfim, pensar a função da literatura na sociedade pós-moderna, ainda que pensar sobre isso, para alguns pós-modernistas, seja, por si só, contrariar o *Zeitgeist* de nosso tempo.

## Referências

CECCANTINI, João Luís C. T. **Uma estética da formação:** vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997). Assis: Unesp, 2000. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008. *FNLIJ Notícias*. Nº 09. Set. 2010.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. 2. ed. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. A literatura infantil e juvenil: produção brasileira contemporânea. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 43. Nº 02. Abr./Jun. 2008. p.09-16.

SILVA, Ezequiel Theodoro. Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda! In: LOMBARDI, José Claudinei (org.). *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais*. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Caçador, SC: Unc, 2009, p.147-154.